

# A.A.R.



## A. A. R.

*Não duvides que o amor possui algo similar à amizade: que se possa dizer aquele afecto ser uma amizade enlouquecida.*<sup>1</sup>

*A questão do futuro da revolução é uma má questão, pois enquanto cada um de nós a vai colocando, há muitas pessoas que não se tornam revolucionárias. Está feita precisamente para isso, para impedir a questão do devir-revolucionário das pessoas, a todos os níveis, em qualquer lugar.*<sup>2</sup>

1820. 1974. 2018. Enquanto amanhece, em frente à Igreja de Sto. Ildefonso, um *quadro artístico cinematográfico*<sup>3</sup> vai sendo construído a partir de um poema de Almeida Garrett dedicado ao dia 24 Agosto de 1820, a revolução liberal do Porto. Entre o fim do absolutismo, momento no qual os eixos do universo estremeceram, e o fim do regime ditatorial do Estado Novo, abrem-se as portas da história. É fora da Lei e da ordem cinematográfica que esta obra, desestabilizando códigos e modos de representar, transforma as combinações do desejo e enuncia a história de um *liberto povo*. Sérgio Fernandes está sempre onde nunca o esperamos. Na arte, como na vida, é sempre de um combate que se trata.

Explorando as ligações entre arte e contexto, história e política, *La vie au grand air* constrói-se através da espacialização de imagens que se afirmam, elas mesmas, como linhas de força. Constelações semióticas de naturezas múltiplas potenciam as relações descontínuas entre limite e transição, público e privado. Nesse vaivém, deslocamo-nos entre códigos denotativos, conotativos, perceptivos e retóricos. A liberdade que Sérgio Leitão nos permite é condicional. Dominar este espaço assume-se como um processo através do qual toda a reapropriação se torna fundamentalmente num risco a ser partilhado. Porque desarmados nos encontramos, mobilizar um percurso tornado nosso pode ainda ser condição para uma outra cartografia.

Neste espaço expositivo anuncia-se a inesperada proximidade entre imagens aparentemente sem relação. Estão na margem, onde os lugares ainda não têm nome. Como uma tarefa filosófica, não sabemos onde nos podem levar. O amor e a amizade tornam-se máquinas revolucionárias e práticas ofensivas de insurreição através das quais, como disse Paracelso a propósito da relação entre doença e cura, *simili similibus curantur*, os semelhantes cuidam os semelhantes. Nada a dizer. Tudo a fazer. O tempo é sempre um agitar. 1820. 1974. 2018.

A de amor. A de amizade. R de revolução.

Eduarda Neves  
28 de Abril | 2018

## FICHA TÉCNICA

SÉRGIO LEITÃO

*LA VIE AU GRAND AIR*, 2018

Instalação

Dimensões variáveis

SÉRIO FERNANDES

*SOIDADES*, 2008

Vídeo cor, loop, 15' 31''

## AGRADECIMENTOS

Luís Miranda, Nuno Malheiro

## FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA

Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção Artística José Maia

Assistente de Galeria/Comunicação Patrícia Barbosa

Fotografia /Vídeo

Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa e Rui Apolinário



Rua de Miraflor nº 159 Campanhã, Porto  
Terça-sábado, 15h- 19h | Entrada livre

<http://miragaleries.net>

929 145 191 - 929 113 431

[espacomira@miragaleries.net](mailto:espacomira@miragaleries.net)

<sup>1</sup> Séneca - Carta a Lucílio. Universidade Federal de Sergipe, nº8, Julho-Dezembro, 2011.

<sup>2</sup> Gilles Deleuze, Claire Parnet – Diálogos. PRE-TEXTOS: Valencia, 1997, p.166.

<sup>3</sup> Assim designado por Sérgio Fernandes.